

o juramento do dragão

sherrilyn kenyon

Tradução de Rita Carvalho e Guerra

Para Tish, que vai ler isto e saber imediatamente porquê. Muito obrigada por seres minha amiga e uma bem necessária voz da razão. A Sheri, Kim Burdette e Kim Turner por todas as décadas em que foram as minhas pedras de toque. A LaShon e Leisha por demasiadas razões para serem nomeadas. A Laura, Kerry, Paco, Parker, Jacs, Alethea, Leanna e Carl por terem vindo em meu auxílio quando precisava de vocês! Adoro-vos e estou para sempre em dívida para convosco! E, como sempre, para os meus rapazes, que são as minhas pedras do coração. Adoro-vos a todos!

Gostei mais de vós quando vos haveis mostrado mais malvados.

— Rev. Oscar C. Allred

Agradecimentos

A Adam Ezra por me ter permitido usar as palavras da sua canção *Home Again Soon* do álbum «View from the Root». Se alguma vez tiverem a oportunidade, ouçam a sua música. Tem sido um prazer e uma honra para mim conhecê-lo há anos e ter incluído a sua música nos vídeos de Nick e dos Predadores da Noite, bem como nas sessões de autógrafos. É um excelente músico e um homem maravilhoso!

Prólogo

*No Ano de Nosso Senhor de 417
5 de maio
Glastonbury Tor*

TRAIÇÃO.

Fria e brutal, assumia sempre a forma do amigo e aliado mais próximo. E doía tão profundamente na alma, que se ficava a sangrar e fraco, a pensar se algum dia seria possível voltar a confiar.

Que se ficava à deriva na infelicidade e no sofrimento. Incapaz de respirar devido à dor.

Pior do que isso, os sacanas traidores apareciam sempre quando menos se esperava. E na pior das alturas.

Tendo em conta as circunstâncias brutais do seu nascimento, Falcyn Drago nunca se considerara imune às suas garras fétidas. Longe disso, tinha sido alimentado com o seu gosto mais desagradável e amargo. Aprendera a esperá-la de todos os que o rodeavam, a todo o momento. E, infelizmente, nunca ninguém o dececionara, mostrando-se superior a tal coisa.

Nem por uma vez.

Pelo contrário, pareciam regozijar-se em apunhalar o seu coração ferido de um modo tão implacável e violento quanto possível.

E nenhum mais do que o seu próprio irmão, Max, que se erguia agora à sua frente, em toda a sua glória santimonial e arrogante. Algo que teria sido humilhante se o irmão estivesse no seu corpo real e verdadeiro, o de um dragão, mas assim, com o aspeto de um homem, a traição era duplamente profunda.

E doía ainda mais.

— Maldito sejas, Maxis! Não foi suficiente que tivesses deixado Hadyn sozinho, para morrer entre os humanos? Agora também levas o meu filho?

Os olhos cor de avelã esverdeada de Maxis brilharam dourados, depois vermelhos, quando a sua raiva se inflamou.

— Isso não é justo! Fiz tudo o que podia para salvar o nosso irmão. Como te atreves a lançar-me isso à cara? Teria dado a minha vida por ele!

— Tretas! Devia ter-te estrangulado no instante em que te arrastaste para fora do teu ovo.

Agarrando em Falcyn pelo pescoço, Max empurrou-o contra a parede do quarto de pedra onde Falcyn pensara que iria encontrar o filho, mas se via agora impedido para sempre de aceder ao reino a que o filho chamava sua casa.

Por causa de Max! Carne da sua carne.

O seu pior pesadelo.

Os olhos de Max mostravam as profundezas do seu próprio desespero.

— Quem me dera que o tivesses feito, irmão. Quem me dera!

A agonia do irmão ardeu em Falcyn, mas não tanto quanto a infelicidade que o roía e deixava privado de tudo, exceto do mais absoluto desespero. Maldito fosse por se preocupar com os sentimentos de Max quando era óbvio que o irmão se estava nas tintas para os seus. As lágrimas cegavam-no.

— Maddor era tudo o que eu tinha neste mundo. Como pudeste!

Um tique começou a agitar o maxilar de Max enquanto este recuava.

— Não tive escolha. Raios, Falcyn! Sê razoável. Os Adoni planeiam usar-te como instrumento. Nada mais. Geraram contigo uma cria híbrida, sem que o soubesses ou tivesses consentido, e tu não te importas?

— Igraine era para ser minha esposa!

— Igraine é uma prostituta sem fé. Uma feiticeira Adoni que matou dois maridos antes de ti... achas que te ia poupar à sua traição?

— Como tu?

Max recuou como se estivesse prestes a agredi-lo, mas deve ter reconsiderado a ideia tola. Porque ambos sabiam que Max nunca sobreviveria a um combate a sério com Falcyn.

— Se ela te amasse verdadeiramente, irmão, não se teria importado com o feitiço que lancei ao teu filho, pois não?

Não, não teria. A verdade era um sapo ainda mais difícil de engolir.

E era por isso que mais odiava Max. Porque agora sabia com toda a certeza que era tão indigno de ser amado quanto a sua *querida* mãe o proclamara quando ele entrara naquela odiada existência.

Max inspirou, roucamente.

— Fomos amaldiçoados desde o dia em que nascemos, sabe-lo bem. Os deuses desprezam-nos e as nossas mães abandonam-nos. A única esperança que o teu filho tem é a de, se for mais homem do que dragão, não cair sob o fogo deles... ou radar. Ou controlo.

— Não te cabia a *ti* decidir!

— E tu *nunca* te deverias ter deixado usar pelos Adoni. Conheces as leis da magia tal como eu. Por isto... alguma dívida será saldada.

Falcyn estremeceu perante a verdade que não queria enfrentar.

— Eu ia protegê-lo dela. Agora... — Apontou para o véu que separava aquele mundo do mundo para onde Igraine levava o filho para o criar longe do seu alcance e atenção. Não havia nada que pudesse fazer pelo filho. Enquanto Maddor vivesse no reino das fadas da mãe, Falcyn não conseguiria alcançá-lo. Nem mesmo os seus poderes eram assim tão grandes. — Nunca, mas *nunca* mais voltas a falar comigo, Maxis. Estou farto de ti.

Regressando ao seu corpo de dragão, abriu as asas, pretendendo voar.

— Tem cuidado com os teus ultimatoss, irmão. Tal como a magia, a sua dentada é terrível.

Falcyn lançou uma explosão de chamas na direção dele.

— Também a minha, Max! Também a minha!

Capítulo

UM

— **REMI!** Não podes matar *daemon* na porta da frente! — Dev Peltier correu pelo piso principal do bar Santuário a passo acelerado, com o cunhado homem-lobo, Fang Kattalakis no seu encaço.

— Claro que posso — rosnou o seu gémeo idêntico através do auricular.
— Vê só!

Estremecendo ao imaginar o seu sócia transmorfo a arrancar o coração de um demónio nas ruas movimentadas de Nova Orleães sob o olhar atento de uma câmara de polícia, Dev considerou teleportar-se para impedir o desastre próximo, mas isso tornaria aquele fiasco ainda pior.

E garantiria que os dois iam passar algum tempo especial de qualidade num qualquer laboratório governamental de alta segurança, nunca mais sendo vistos ou nem se sabendo notícias deles.

Ele e Fang quase não chegavam à porta da frente a tempo de agarrar a figura alta e musculada, que por vezes passava por ser humano, antes de Remi comer a rapariga loura e pequena que se encontrava, descontraidamente, sob a luz dos candeeiros de rua.

E o sacana lutou contra eles com tudo o que tinha, enquanto o afastavam da sua suposta vítima. Uma vítima que não parecia minimamente preocupada por ter escapado por pouco à morte às mãos de uma besta urso-humana selvagem.

Remi até mordeu o ombro de Dev enquanto lutava contra eles.

— Maldição! — rosnou Dev. — É bom que tenhas levado a vacina da raiva, rapaz!

Rosnando daquela forma sem igual, como apenas um urso transmorfo poderia rosnar, Remi continuou a tentar afastá-los para chegar à mulher que permanecia imóvel.

De facto, a *daemon* bocejou. Depois, olhou para o relógio e para as unhas, como se tudo aquilo provocasse nela um tédio mortal.

— Já posso ir? Vocês os dois já lhe meteram a trela, certo?

Fang ficou de queixo caído, perante o tom despreocupado.

— Sabes, Medea, tendo em conta o que aconteceu da última vez que um grupo vosso apareceu por aqui, tens uma grande lata.

— Claro que tenho. É isso que faz de mim a vilã. E, segundo sei, o meu meio-irmão está lá em cima a jogar póquer com o teu irmão mais novo. Por isso, se não se importam... — E entrou, como se aquele bar não estivesse repleto de transmorfos que adorariam fazer dela um *snack* tardio.

Remi continuou a praguejar contra os dois.

— Eles mataram a *maman* e o *papa*! Como puderam deixar que entrasse assim no bar?

Dev manteve o irmão imóvel com o antebraço à frente do pescoço de Remi.

— Porque se magoares nem que seja um cabelinho dela, vamos perder de novo a licença de santuário. Pensa nas nossas sobrinhas e sobrinhos e no perigo em que os colocarias!

Da última vez em que tinham perdido a licença, o Santuário fora arrasado e eles haviam perdido os pais e vários bons amigos.

O olhar de Remi caiu sobre Fang, e Dev percebeu que *isso* tinha penetrado, finalmente, na insanidade temporária e no desejo de vingança sangrenta do irmão. A irmã — a esposa de Fang — acabara de dar à luz um filho e uma filha. E a esposa de Dev estava grávida, depois de ter abdicado da sua imortalidade para que pudessem começar uma família. A última coisa que qualquer um deles queria era arriscar que os seus inimigos pudessem atravessar os portões e destruir por completo o Santuário.

Outra vez.

Acima de tudo, precisavam de manter os *limanis*¹ de pé, para que nenhum transmorfo ou demónio ali pudesse guerrear. Tinha perdido demasiado durante a última batalha que lhes dilacerara a família. Agora, tinham ainda mais a perder.

Por fim, o fogo nos olhos de Remi apagou-se e ele deixou de se debater.

— Estamos bem?

¹ Limani ou Santuário, como referido em obras anteriores. (N. de T.)

Remi acenou com a cabeça.

Libertando-o, Dev recuou para fitar Fang.

— Então, quem foi o idiota que pôs o estouvado à porta, esta noite?

Fang lançou-lhe um olhar rabugento.

— Fui eu o idiota. Muito obrigado. Pensei que eras tu. Será que um de vocês não podia cortar o raio do cabelo para eu vos conseguir distinguir?

Dev revirou os olhos. Depois apontou para a tatuagem com o arco e flecha duplo no bíceps.

— Tenho uma marca que me diferencia dos outros idiotas com quem partilho o sangue, sabes?

Fang fungou enquanto Remi avançava para a porta.

— Ei, ei! — Dev agarrou-o pelo braço. — O que ‘tás a pensar, carinho?

— Que a *maman* te devia ter comido, quando nasceste. Ou pelo menos antes de teres sido desmamado.

Dev fungou.

— Não podes entrar aí e começar uma luta. Será preciso lembrar-te de que está uma carrada de turistas no bar e que o Max, esta noite, está um bocadinho preocupado com a sua noiva-dragão? Há dias que aquele rapaz não sai para apanhar ar, pelo que não podemos contar com ele para nos ajudar a limpar a mente dos humanos, caso eles vejam algo que não devam.

O nariz de Remi estremeceu, revelando que estava determinado em fazer correr sangue.

— O irmão não o pode fazer por ele?

Boa pergunta. Era possível que Falcyn tivesse os mesmos poderes de Max. Por outro lado, podia não os ter. Mesmo que tivesse, não havia qualquer garantia de que os fosse usar, dado que ajudar os outros não era exatamente a prioridade do dragão carrancudo.

— Não faço ideia. Queres ir perguntar ao Falcyn? — Aquele transmorfo sacana era a única criatura viva com uma atitude ainda pior do que a de Remi.

A menos que se contasse com o antigo Predador da Noite Zarek. Embora, para ser sincero, Dev apostasse em Falcyn num confronto com Z. Com direito a *jackpot*.

Uma prova clara? Remi recuou de imediato, só de pensar em falar com Falcyn, e isso era algo que o irmão *nunca* fazia.

— Vou ficar de olho nela — resmungou Remi antes de entrar.

Dev rosou no fundo da garganta, enquanto fitava o esgar irritado de Fang.

— Já sei. «Dev, vai tomar conta do teu irmão.»

— E arranja-me alguém para guardar a porta.

— Onde está o teu auricu... — A voz de Dev perdeu-se quando se lembrou de que uma das coisas que Aimee mais gostava de fazer era morder as orelhas de Fang na sala dos fundos, quando não havia ninguém por perto. Enojado com a ideia de a sua irmãzinha tocar em qualquer coisa masculina de uma forma sexual, fez uma careta. — Esquece. Vou buscar o Cherif. É impossível não o veres. É aquele que se parece comigo, mas não é.

— Também pode ser o Quinn.

— Nem me lembres. — Era infernal ser um de quatro gémeos idênticos. Só Aimee e o Predador da Noite Acheron alguma vez tinham sido capazes de os distinguir.

E a esposa de Dev, Sam. Ela nunca o confundira com os irmãos, o que era uma das muitas razões pelas quais ele a amava.

— Despacha-te, urso! — vociferou Fang. — Não precisamos que o teu irmão comece uma merda qualquer enquanto temos humanos por perto para o testemunhar.

Rosnando no fundo da garganta como o lobo que era, Dev partiu em busca de Remi, antes que o urso comesse, de facto, a *daemon*, e começasse mais uma guerra que eles não queriam travar.

MEDEA fez uma careta perante a quantidade de humanos que enchia o bar escuro e ruidoso, e se abanava ao som da banda de transmorfos residente, ironicamente batizada The Howlers. Caramba, como os odiava a todos. Embora, para ser sincera, fosse um belo festim se decidisse satisfazer os seus desejos, não que precisasse do sangue deles para se alimentar — ao contrário de outros elementos da sua espécie.

Para ela, tratava-se apenas de uma vingança divertida...

Sentindo-se mais tentada do que devia, obrigou-se a ignorar todas aquelas gargantas que seriam tão fáceis de rasgar e procurou o rosto familiar do meio-irmão. Embora ela e Urian fossem, tecnicamente, inimigos que lutavam em lados opostos daquela guerra, ele continuava a ser uma das poucas pessoas a quem ela chamava amigo.

Naquele momento, tinha tristes notícias que ele precisava de ouvir.

— Olá, linda! Estás à minha procura?

Medea revirou o lábio perante o piropo foleiro. Pior? Aquele humano imundo cheirava a álcool barato e uma água-de-colónia que devia ter sido comprada num qualquer corredor de uma loja de saldos.

— Sai da minha frente.

— Ah, então, porque estás a correr comigo assim, linda? Sê simpática e fica um bocadinho. — Ele agarrou-lhe o braço, para a manter ao seu lado.

Com uma gargalhada, ela mordeu sedutoramente o lábio.

— Fofa, não fazes ideia do que quero mesmo fazer contigo...

As sobrancelhas dele subiram disparadas.

— Oh, sim?

— Ummm-hmmm.

Ela avançou para os braços dele enquanto sonhava em esventrá-lo no chão.

Um instante depois, ele estava a ser puxado para trás e abanado como um cão abanaria o seu brinquedo preferido.

— Põe-te a andar.

O humano preparou-se para atacar, até ter visto bem o homem que o agarrara. Privado de toda a gabarolice, afastou-se rapidamente.

Não que Medea o culpasse. Aquele Predador do Homem era enorme, mesmo pelos seus padrões sobrenaturais. Alto. Musculado. A pele cor de caramelo fazia crescer água na boca de qualquer mulher. E, para seu horror imediato, descobriu que não era imune aos seus encantos.

De facto, sentia-se estranhamente sem fôlego enquanto o seu olhar deslizava para um par de olhos azuis prateados que quase brilhavam. Entre eles e o cabelo preto, quase acreditara que fosse um Predador de Sonhos. De facto, os seus poderes eram suficientemente fortes para parecerem divinos.

O ar à volta dela estava carregado com eles. Crepitava de uma forma que a fazia pensar em Acheron Parthenopaeus — um deus atlante que se fizera passar por Predador da Noite, por motivos que só ele conhecia. Mais do que isso, não conseguia perceber a que raça pertencia aquele Predador do Homem em especial. Urso, lobo, ave, leão, leopardo, pantera, tigre, dragão, jaguar, chita ou chacal. Era *assim* tão poderoso.

— O que és?

Falcyn sentiu um estranho meio-sorriso curvar-lhe os lábios. Algo muito, muito raro nele. Por outro lado, já há muito que não via um naco com um aspeto tão apetitoso quanto aquele. O cabelo dela, de um louro quase branco, tinha uma cor inusitada, mas natural. E contrastava fortemente com os seus olhos negros.

E não era apenas uma *daemon*. Havia algo muito mais forte dentro dela. Algo que ele conseguia provar e cheirar. O odor era como mel na sua língua.

— Um tipo com fome — sussurrou ele.

Ela revirou os olhos e contornou-o.

Um som abriu caminho através dele, um som que era ainda mais raro do que o seu sorriso. Tão raro, na realidade, que demorou alguns segundos a compreender que se tratava de uma gargalhada.

Nunca ninguém o tratara com tanto desdém. Acima de tudo porque comia esses idiotas e usava os seus ossos para palitar os dentes. E, antes mesmo de se ter apercebido do que estava a fazer, seguira-a.

Ela parou no meio da multidão, virou-se e fitou-o.

— Oh, já percebi. És um cão. Bem, *Bobby*, tenho a certeza de que há alguns humanozinhos simpáticos junto ao bar que gostariam de te levar para casa e fazer umas festas. Eu não sou um deles. Por isso, vai, rapaz. — Estalou a língua, como um ser humano faria ao seu animal de estimação ou a um cão vadio de que se estivesse a tentar livrar. — Vai! *Shoo!*

Quando ela começou a afastar-se, Falcyn lambeu os lábios.

— Então és a rainha cabra dos *daemon*. Já me tinham dito que eras outra coisa. Mas quantos deles sabem que tens sangue de demónio dentro de ti?

Medea ergueu uma sobrancelha perante a pergunta, depois dirigiu-lhe um sorriso insidioso que fez estremecer uma parte mais reservada da sua anatomia.

— Antes ou depois de os matar? — Os olhos dela semicerraram-se enquanto o percorria com um olhar penetrante que mostrava que o estava a avaliar para um confronto. — E estás errado em relação ao meu título. A rainha é a minha mãe.

— Então e isso faria de ti o quê?

— A menina querida do papá.

Ele deu uma gargalhada que lhe agitou o corpo. Algo que levou todos os Predadores do Homem perto deles a dar um passo atrás e a fitá-lo de boca aberta.

Aquele gesto coletivo privou Medea de parte da sua bravata quando se apercebeu daquela reserva incaracterística.

E do medo. Em especial tendo em conta que eles nunca tinham medo de nada.

A não ser dele. Sim, era *assim* tão perigoso.

— Quem és tu? — perguntou ela, com um toque de desconfiança na voz.

— Pergunta errada.

— Como assim?

— Não é tanto quem sou... é mais *o que* sou.

Medea sentiu, por fim, um arrepio de medo percorrer-lhe as costas.

— Não és um *deles*, pois não? — Os Predadores do Homem tinham sido criados há séculos pelo rei da Arcádia numa tentativa desesperada para salvar as vidas dos filhos de uma maldição lançada sobre a raça da mãe pelo deus grego Apolo, de quem Medea descendia. Desejoso de prolongar as vidas dos filhos, o rei negociara com um deus sumério para que este usasse a sua magia e fundisse o ADN dos filhos com o de animais. Tinha funcionado, e o deus sumério e o rei arcadiano tinham criado duas raças de transmorfos. Uns com corações humanos, chamados Arcadianos — humanos nas suas formas de base, podiam assumir as formas de animais — e os Katagaria, que tinham corações animais e eram capazes de assumir forma humana.

O «homem» à frente dela abanou lentamente a cabeça, para indicar que não pertencia a nenhum desses grupos. Como já tinha dito, era algo completamente diferente.

No entanto, tinha o cheiro de um guerreiro Katagari. Um animal, no coração e na forma base. Conhecia o odor almiscarado, cru, sobrenatural, que se libertava dos daquela raça. Era diferente de qualquer outra coisa naquele mundo. E, embora marcado por algo mais, era inconfundível.

Ela não estava a lidar com um homem, mas com uma criatura de um poder imenso.

— Como tu, princesa, sou algo muito, muito mais antigo do que esses subprodutos meio-gregos... Mais mortífero. E imprevisível.

— Sei que não és um deus.

Ele aproximou-se dela, lentamente, e embora não fizesse parte da sua personalidade recuar, Medea deu por si a dar um passo atrás de modo a impedir que o tamanho dele fosse suficiente para a subjugar. Ou a magnitude dos seus poderes arcanos que pareciam estar a ficar cada vez mais fortes.

— Talvez, querida — sussurrou-lhe ele ao ouvido, com uma voz de barítono, profunda e ecoante. — Mas há coisas neste mundo que até os deuses temem.

E ele era, sem dúvida, uma delas. Medea sabia-o com cada molécula do seu ser.

— Falcyn!

Medea pestanejou perante o tom cortante da voz do irmão.

A criatura à sua frente não reagiu de todo. A não ser para lhe dirigir um meio-sorriso. Falcyn emitiu um som de censura, que dirigiu a Medea e Urian.

— Achas mesmo que paro sob as tuas ordens, lulu?

Alto e musculado, impassível perante o insulto, Urian semicerrou os olhos, ao mesmo tempo que percorria rapidamente a distância que os

separava. O seu cabelo, de um louro quase branco, caía-lhe em redor dos ombros, acentuando-lhe as feições afiadas. A atenção de Urian estava concentrada em Falcyn, observando cada tique. O que também dizia a Medea o quão letal e rápido era aquele ser.

Sendo ele mesmo um animal destemido e poderoso, Urian só se mostrava cauteloso perto daqueles que o mereciam. Os restantes eram ignorados.

Colocando-se entre ambos, Urian deu a Medea algum espaço para respirar.

— Gostaria de te recordar de que estás num limani.

Falcyn fungou.

— Como se eu estivesse minimamente interessado nas leis de Savitar. — Deslizou um olhar amargo por Urian. — Ou em *ti*, já agora. E ainda menos no teu chefe. Por isso, nem penses em apelar ao nome de Acheron como proteção em relação à minha raiva. Desafio-o a dizer-me o que quer que seja... sobre um *qualquer* assunto.

Urian mostrou um ar carrancudo perante as palavras e a bravata de Falcyn, dado que Acheron era o Destino final de todos. Desafiá-lo sabendo qual era o seu lugar no universo mostrava um nível de estupidez e coragem que faltava a muitos.

— Não tens medo de nada?

O olhar de Falcyn deslizou para lá do ombro de Urian, fixando-se em algo na multidão.

— Tem, mas infelizmente ela não está aqui.

Medea saltou ao ouvir a voz profunda que falou perto da sua cabeça. Sobressaltada, virou-se e viu um outro homem estranho no bar apinhado. Um que se destacava tanto quanto Falcyn, mas por outros motivos. O seu cabelo era pálido como o dela, senão mesmo mais, e os olhos de um tom de lavanda peculiar. No entanto, apesar de toda aquela palidez, a pele não era branca, como presumiria que seria a pele de alguém com albinismo. Era antes de um caramelo rico, tal como a de Falcyn.

Mais do que isso, as orelhas eram ligeiramente pontiagudas. Por um instante, tendo em conta a beleza das suas feições, pensou que poderia pertencer ao povo das fadas... Adoni ou algo assim. Mas a maneira como se movia, e o cheiro que libertava, fizeram-na abandonar esse pensamento.

Não, ele era mais animal do que Adoni.

Lânguido e rápido. Uma rara dicotomia que apenas um transmorfo assim nascido poderia encarnar. E como Falcyn, o ar à sua volta estava carregado de poderes sobrenaturais que dançavam, aguardando as

suas ordens. Aquele animal era igualmente poderoso. Mas de uma forma diferente.

Nem os seus poderes eram tão escuros ou sinistros. Aquela não era uma criatura que sentisse prazer em fazer o mal. De facto, parecia simpático.

Falcyn emitiu um som de censura.

— Ora, Blaise, porque tinhas de chamar a Xyn para a conversa? Em especial quando sabes que é um tema sensível?

Blaise libertou um sorriso encantador.

— Senti a necessidade de perturbar o meu irmão mais velho. Além disso, toda a gente tem tanto medo de ti. Precisas de mim para equilibrar as coisas. — Só quando ele avançou de mão erguida para sentir o caminho até eles, é que Medea se apercebeu de que Blaise era cego. — E se já te cansaste de assustar os nativos, há algo de que gostaria de falar contigo.

Falcyn fez uma careta de desdém.

— Prefiro passar o tempo a assustar os nativos do que a ouvir os teus lamentos petulantes.

— Ora, então, vais ferir os meus sentimentos.

— Tu não tens sentimentos.

— Isso não é verdade. Tinha imensos, até tu, Kerrigan e Illarion os terem destruído por completo. Mas acho que ainda consegui salvar um ou dois. Por favor, tenta não matar também esses dois últimos. Posso vir a precisar deles.

Falcyn emitiu um som rude de desagrado.

— A isso chama-se tortura da fome.

Rindo-se, Blaise abanou a cabeça.

— Fome de uma palavra gentil, certamente.

— Bem, aqui não a vais encontrar. — Falcyn apontou na direção das escadas, como se o irmão conseguisse ver os seus movimentos. — Por isso, vai-te embora.

Blaise suspirou pesadamente.

— Temo que não. Tenho de interromper. Não pode esperar.

Falcyn emitiu mais um som, tão profundo na garganta que vibrou pelo corpo de Medea.

Urian puxou-a para trás.

— Bem, nesse caso, vamos deixar-vos à vossa discussão. Anda, mana velha. Vamos sair daqui antes que Godzilla e Mothra se lancem um contra o outro e sejamos apanhados pelo fogo cruzado.

— Antes de quem e do quê?

Urian resmungou, sussurrando.

— Um dia, tenho de te obrigar a assistir a uma maratona cinematográfica para ver se te atualizas em relação às minhas referências.

E dito isso, arrastou-a em direção às escadas.

Mas Medea não conseguiu resistir a um olhar rápido para trás, para o estranho cuja presença ainda a assombrava. Pior? Ele continuava a observá-la, com aquele olhar penetrante, como se ela fosse uma lebre que ele planeava devorar ao almoço.

— O que são eles? — perguntou a Urian enquanto este a conduzia para o piso superior do bar, menos apinhado.

— Blaise é um *mandrake*. Falcyn... sei lá. É um dos dragões, mas não é Predador do Homem.

— Se eles são irmãos, também deveria ser um *mandrake*. Certo?

Urian hesitou.

— Não creio que sejam realmente aparentados. Os dragões têm uma ideia ainda mais peculiar do que nós quanto ao que é família.

Medea estava perplexa com tudo aquilo.

— Mas se é um dragão e se não é *mandrake* ou Predador do Homem, como pode ser humano? — Aqueles eram os únicos tipos de dragões de sangue puro capazes de assumir forma humana.

Pelo menos tanto quanto ela sabia, e tendo em consideração que já andava sobre a Terra há mais de onze mil anos, sabia bastante sobre transmorfos e o mundo sobrenatural que a gerara.

E a eles.

Em especial dado que o pai era um deles. Mas a sua forma de dragão advinha do facto de ser um semideus, não um verdadeiro transmorfo. Ao contrário deles, o pai não conseguia manter a forma durante muito tempo, ou viver com ela.

Urian parou para olhar para a irmã e depois para os dois dragões no meio da multidão do piso inferior.

— *Essa*, Medea, é a pergunta que todos temos feito e que ninguém quer responder. Tudo o que sabemos é que se trata de um animal sedento de sangue que será melhor evitar.

Capítulo

DOIS

— ENTÃO, qual é o teu trauma?

Blaise fungou, com ironia, perante a pergunta rosnada de Falcyn.

— Falta de apoio parental. Incapacidade de estabelecer laços. O facto de Kerrigan me ter atirado contra demasiadas paredes por andar a sussurrar pelos cantos, quando estava de mau humor, o que era praticamente sempre. Medo de coelhos felpudos, mas não foi por isso que aqui vim.

— Coelhos felpudos? — Falcyn não tinha a certeza de querer saber a resposta àquela pergunta, mas era tão impróprio para aquele *mandrake* audacioso e lunático, que se sentia obrigado a ouvir a explicação, apesar de todo o seu bom senso.

— Alguma vez viste o filme *Bambi*? Aqueles sacaninhas são uma estranha mistura. E nem me faças falar do *Santo Graal* dos Monty Python e *daquele* pesadelo de uma lebre. — Blaise estremeceu visivelmente. — Chego ao ponto de nem querer ver aquele peluche cor-de-rosa que Nim traz consigo.

Ao ouvir falar do inofensivo demónio viscoso, Falcyn revirou os olhos com tamanha veemência que estes lhe arderam.

— És tão esquisito.

— Oh, sim, porque tu açambarcas toda a normalidade. Alguma vez te deste ao trabalho de olhar para esse abismo, meu amigo? Garanto-te que é uma questão de dizer o roto ao nu.

— Tens algum objetivo com esta missão, para além de me irritares e

insultares? Nesse campo, missão cumprida, mas a tua vida está a aproximar-se perigosamente do fim em resultado disso.

— Uau, mas que hostilidade que estás a revelar, meu. Precisas de chilar.

Falcyn ergueu uma sobranceira perante a palavra incaracterística. *Chilar?*

— Com quem é que tens andado para teres apanhado todo este novo vocabulário?

Blaise sorriu.

— O novo brinquedo da Morgana. É viciado em todo o tipo de coisas bizarras... E não estou a falar só de pornografia. Razão pela qual aqui estou.

— Porquê? Pela pornografia? Lamento. Não sou um chulo. Não preciso de um chulo. Não quero um chulo.

— Não estava a planear agir como tal. Nem sabia que gostavas de rapazes.

Falcyn fez uma careta.

— Falar contigo provoca-me sempre um tumor no cérebro. Explica-me como é que ainda ninguém te assassinou?

— Não foi por falta de tentarem, garanto-te. Deixa-me recordar-te a parte em que Kerrigan me lançava contra as paredes. Mas tenho reflexos muito rápidos. E, para sorte minha, és um dragão velho. Decrépito.

— Queres mesmo pôr essa teoria à prova?

— Não sem apoio. Então, quanto à razão da minha visita...

Mais agitado do que queria estar, Falcyn cruzou os braços sobre o peito enquanto esperava que Blaise terminasse a frase.

— Perdeste a linha de pensamento, o juízo... ou apenas a coragem?

Inclinando a cabeça, Blaise semicerrou o olhar, como se procurasse ouvir algo atentamente.

— Eles estão cá.

— Eles?

— Os cães da Morgana. Era isso que te estava a tentar dizer. Foi-lhe dada uma passagem, e embora *ela* não a consiga atravessar, o seu Círculo consegue.

— E então? Porque me deveria importar? Essa é a tua luta, irmão. Não a minha.

E antes que Blaise pudesse dizer mais uma palavra, a porta atrás dele escancarou-se.

Falcyn sentiu um aperto no estômago perante a imagem e a chegada de Narishka duFey, o braço-direito de Morgana.

E a criatura que Falcyn mais odiava.

Afinal aquela talvez não fosse uma luta apenas de Blaise. O sangue de

Falcyn fluiu espesso pelas suas veias enquanto avançava para a minúscula Adoni loura que o havia privado de tudo o que alguma vez desejara amar.

Erguendo a mão, ela fê-lo parar com os seus poderes e emitiu um som de censura.

— Sabes que não vale a pena, dragão. Em que estavas a pensar?

— No quanto gostaria de me alimentar das tuas entranhas, fada cabra!

E mesmo assim ela não estremeceu. Em vez disso, abanou a cabeça, fitando-o.

— Ora, ora, isso são maneiras de falar com a madrasta do teu filho?

Aquelas palavras serviram apenas para aumentar ainda mais a raiva dele, ao despertar uma dor tão profunda no seu interior, que nem todos aqueles séculos a tinham conseguido acalmar.

— Queres dizer a assassina do meu filho, não queres?

Blaise ficou de boca aberta. O nascimento do filho era algo que Falcyn nunca referia a qualquer criatura viva.

Com exceção de Max.

E nenhum deles falava de Maddor, já que a mera referência o tornava ainda mais violento em relação ao irmão.

Narishka só sabia porque ajudara a irmã a conceber e dar à luz o filho dele. E com que intuito? Para o tornar um escravo de Morgana le Fey — graças a Max e à sua interferência. Por causa das ações do irmão, os *mandrakes* não eram, de forma alguma, a raça poderosa que deveriam ter sido. Daí viverem ao serviço das fadas meretrizes de Avalon e Camelot.

Maddor, assim como o seu progenitor, fora o primeiro a sofrer — suportando o grosso da raiva cega de Morgana, devido às ações de Max. E não houvera nada que Falcyn pudesse fazer para a impedir ou ajudar o filho.

Nada.

Nem mesmo no dia em que, por fim, mataram Maddor por causa da maldição de Max. Só por isso, Falcyn queria apertar os seus corações nas mãos. Nem um dia se passava em que não ardesse de raiva pela perda do seu filho.

E fora por isso que Falcyn amara e protegera Blaise durante todos aqueles séculos.

Porque Blaise não era, realmente, seu irmão.

Era seu neto. Um neto que estivera proibido de conhecer até muito depois de Blaise ter crescido sozinho. Razão pela qual Falcyn escondera de Blaise o que sabia sobre o seu nascimento. Saber a verdade não iria trazer a Blaise nada mais do que dor.

Ele não tinha sido abandonado pelo pai. Fora arrancado dele e abandonado para morrer pelos Adoni, que eram ainda mais cruéis.

E doía-lhe o suficiente por ambos. Não valia a pena sobrecarregar Blaise com uma realidade que não poderia mudar. Nem que o inferno se abatesse sobre eles, Falcyn morreria antes de permitir que alguém voltasse a magoar Blaise.

— Cabra, por favor! — Falcyn usou os seus próprios poderes para quebrar o controlo dela e atirou-a contra a parede com força suficiente para deixar uma moosa no reboco.

Por fim, o pânico e o medo cintilaram nos olhos dela, quando se apercebeu da verdadeira extensão dos poderes dele e da sua própria fraqueza por comparação. Debateu-se contra a garra invisível que a segurava.

— Mata-me e o teu filho morrerá, também.

— O meu filho morreu há muito tempo.

Narishka abanou a cabeça.

— Maddor ainda vive.

Aquelas três palavras inesperadas salvaram-lhe a vida.

— O que dizes?

Com um esgar, ela fitou Blaise.

— Diz-lhe! Maddor ainda governa sobre os *mandrakes* em Camelot.

Falcyn sentiu que o sangue lhe fugia do rosto. Não... ela estava a mentir. Só podia estar.

— Estás a gozar comigo, meretriz Adoni, e juro-te...

— Jamais me atreveria! — Engasgando-se, gritou a Blaise. — Diz-lhe, raios!

Blaise lambeu lentamente os lábios. A sua tez tão pálida como a de Falcyn.

— Maddor é mesmo teu filho?

Falcyn não suportava responder à pergunta. Não enquanto lágrimas silenciosas lhe apertavam a garganta.

— Está vivo? — A voz estalou ao pronunciar aquelas palavras.

Blaise acenou com a cabeça.

— Sim, está vivo. Mas é um filho da mãe implacável.

Tal pai, tal filho.

Com uma gargalhada amarga, Falcyn encurtou a distância entre si e Narishka.

— Na verdade, ela era uma meretriz. Traiçoera do primeiro ao último sopro.

Narishka ergueu o queixo com uma coragem que seria admirável, não fosse pela estupidez do seu desafio, tendo em conta o ódio dele e o flagrante desrespeito pela vida dela.

— Disse-te que não matasses a minha irmã.

Silvando, ele avançou para a matar e para lhe permitir que se juntasse a Igraine no Inferno.

— Espera! — gritou ela.

— Pelo quê? — A pergunta estava feita antes que se pudesse impedir. Nem sequer sabia porque se dera ao trabalho, dado que não tinha qualquer desejo de lhe poupar a vida ou mesmo de ouvir mais uma sílaba pronunciada por aqueles lábios que estavam mais habituados a derramar mentiras do que a verdade.

— Tens algo de que precisamos.

E depois? Estaria ela a gozar? Não podia estar menos preocupado com elas e as suas necessidades.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Não possuo nada.

— Não disse que possuías. *Proteges*.

O sobrolho dele franziu-se ainda mais, dado que nada lhe restava na vida para proteger.

Nada a não ser Blaise e Illarion. E ele *nunca* lhe permitiria ficar com qualquer dos dois.

— Desculpa?

Uma luz escura, insidiosa, brilhou nas profundezas dos olhos dela.

— Vamos negociar, pode ser?